

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

114

INSCRIÇÕES 489 - 491



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

2014

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



INSCRIÇÃO VOTIVA DE LONGROIVA  
(*Conventus Scallabitanus*)

Encontra-se embutida na parede lateral direita de quem entra pela porta principal da igreja matriz de Longroiva (concelho de Meda), com o letreiro na horizontal, uma epígrafe romana de granito rosado da região.<sup>1</sup>

Desconhecem-se as circunstâncias em que ali terá sido colocada nem o local donde proveio, ainda que — como se sabe — vestígios romanos sejam abundantes derredor. O epíteto *Longobricus* da divindade indígena *Banda* patente numa ara encontrada no interior da capela do Torrão,<sup>2</sup> em 1977, cujo dedicante, *Q. Iulius Montanus*, se declara *equus legionis VII Geminae Felicis*, tem levado a pensar — não sem razão — que o topónimo Longroiva tenha derivado precisamente do topónimo de que tal epíteto se formou: *Longobriga*. A possibilidade de ter sido essa a identificação de um *vicus* ou *castellum* detém, pois, toda a verosimilhança, inclusive se tivermos em conta a abundância de achados arqueológicos — «colunas, cerâmica de construção, pesos de tear, mós, moedas (incluindo denários republicanos)» — assim como «parece haver também uma

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Senhor Abade, Pe. Jorge Manuel dos Santos Dias, a gentileza de nos haver autorizado este estudo e ao arquitecto Paulo Simão, do Município de Mêda, que nos acompanhou a 19-12-2013, todo o apoio que prontamente se disponibilizaram a dar-nos. O primeiro esboço que fizemos do letreiro data, porém, de 21-06-2011.

<sup>2</sup> Fica esta capela logo abaixo da igreja matriz.

calçada e uma ponte romana».<sup>3</sup> É, conseqüentemente, possível que a epígrafe tenha sido reaproveitada logo na construção primitiva da igreja românica.

Dimensões: 60 x 30. <sup>4</sup>

POTITVS / REBVRRI / F(*ilius*) · LVMBIS / VOTVM / <sup>5</sup>  
SOLVIT

*Potito, filho de Reburro, cumpriu o voto aos Lumbos.*

Altura das letras: l. 1: 6 (O=3); l. 2: 5,5; l. 3: 5,5 (=4,5); l. 4: 5,5 (O=3,5); l. 5: 5,5 (O=3,5). Espaços: 1: 5; 2: 3; 3 a 5: 1,5; 6: 17.

Afigura-se-nos que o letreiro poderá ter sido avivado, uma vez que estão bem vinculados os sulcos das letras. Em todo o caso, não parece ter havido qualquer deturpação do escrito original. Os caracteres são actuários e, ainda que, aparentemente, não gravados com o auxílio de regra, manifestam, na sua paginação, algum cuidado por parte do *ordinator*; que soube, inclusive, dar ao texto uma distribuição lógica (de acordo com o seu conteúdo). Assim, as duas primeiras linhas têm a identificação do dedicante (somente o F da filiação teve de saltar para a l. 3); na l. 3, vem a identificação do teónimo; e a fórmula final, por extenso, ocupa duas linhas.<sup>5</sup> Há mesmo alinhamento à

---

<sup>3</sup> ALARCÃO (Jorge de), *Roman Portugal*, Warminster, 1988, vol. II, fasc. 4, p. 55 (4/71), que cita nomeadamente a 1ª edição de RODRIGUES (Adriano Vasco), *Terras da Meda — Natureza, Cultura e Património*, Câmara Municipal da Meda, 2002. A dedicatória à divindade é referida nesta 2ª edição na p. 82, aludindo-se também aí (p. 83-84) à epígrafe de *Torquatus*, de que se desconhece se é votiva ou funerária, por ter fórmulas de um e de outro tipo. Ambas as epígrafes constam de <http://eda-bea.es/>, com os números de registo 18 511 e 25 934, respectivamente, onde se assinala mais bibliografia.

<sup>4</sup> Não é possível medir a espessura.

<sup>5</sup> Optou, decerto, por subentender inteligentemente a expressão L(*ibens*) A(*nimo*): pondo tudo em siglas, como é mais habitual, ainda se reduzia mais o espaço epigrafado; inserindo cada uma das palavras, por extenso, em cada uma das linhas, já ficava longo de mais; a utilização de tudo em siglas não estaria ainda nos hábitos do momento.

esquerda e rigorosa regularidade dos espaços interlineares. O facto de haver tão dilatado espaço após a última linha sugere que a pedra se destinava a ser lida a partir de um nível superior ao do normal nível do olhar humano.

Este último aspecto leva-nos, naturalmente, a pôr a questão: que tipo de monumento é? A impossibilidade de — por enquanto — se proceder à medição da espessura não permite conclusão peremptória; contudo, a pedra foi reutilizada na parede e, por isso, hemos de pensar que deve ter espessura considerável. A hipótese de estarmos perante a face dianteira de uma ara de que, para mais fácil adaptação à construção, se amputaram o capitel e a base afigura-se-nos assaz plausível. Por outro lado, a circunstância de o nome do dedicante vir a anteceder o da divindade fez-nos supor que, em meio de vários monumentos idênticos, a distinção se faria pelo dedicante — e, daí, o ser colocado à cabeça da epígrafe.

O P é esguio; o O mais pequeno, para ocupar menos espaço; T e L de barra breve; R de barra lançada; E esguio; B assimétrico. Note-se o M bem avantajado e de traçado levemente encurvado, como que resultante da justaposição de dois AA.

O S final da l. 1 quase desapareceu sob os estragos que a pedra sofreu, mas reconstitui-se sem dificuldades. No início da l. 3, o esborcinado tornou o F (eventualmente em cursivo e seguido de ponto) pouco perceptível. Nessa mesma linha, também a antepenúltima letra sofreu estragos, o que, de certo modo, até consideramos normal, porque a interpretamos como B, que certamente ofereceu desde logo dificuldades de gravação ao próprio lapicida, pela facilidade com que a superfície lascou.

O dedicante identifica-se à maneira indígena, de acordo com um hábito assaz documentado: o seu nome já é latino, enquanto o pai tem antropónimo considerado tipicamente lusitano.

Na verdade, *Potitus* é etimologicamente latino, usado aqui como nome único. Kajanto inclui-o entre os nomes de mui provável origem participial, advertindo, porém: «*Potitus*, quando usado nos primeiros tempos, dava ares de ser mais um antigo nome individual, [...] de etimologia obscura, do que um derivado participial».<sup>6</sup> O

---

<sup>6</sup> É, formalmente, participípio do verbo *potior*; e teria, consequentemente, o significado de «o que se apoderou de», o «senhor de». Cfr. KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 95.

mapa da sua distribuição na Península Ibérica foi apresentado por Salas Martín e Haba Quirós, a propósito do exemplo de Medellín.<sup>7</sup> J. Corell estudou o caso de *L. Cornelius Potitus* e, por isso, na pág. 299 desse estudo, enumera também os *Potiti* identificados até então na Península Ibérica.<sup>8</sup> Na Lusitânia, quatro testemunhos: um, o já referido cidadão romano inscrito na tribo *Sergia* (em Medellín); em dois casos, na posição de *cognomen* de indivíduos identificados com *tria nomina*, em Mérida e na região de Torres Vedras. A sua ocorrência em Arroyo de la Luz não é clara;<sup>9</sup> no entanto, parece que teremos aí mais um testemunho do uso do antropónimo como nome único e em contexto indígena.<sup>10</sup>

Quanto a *Reburus*, são sobejamente conhecidos os estudos que lhe têm sido dedicados, desde o clássico de José Rubio Alija, de 1959,<sup>11</sup> a um dos mais recentes, de José María Vallejo,<sup>12</sup> que veio na sequência da elaboração do atlas onomástico da Lusitânia, cujos mapas 252 e 253 mostram que a distribuição dos achados ocorre precisamente nessa zona nordeste da província.<sup>13</sup>

---

<sup>7</sup> SALAS MARTÍN (José) e HABA QUIRÓS (Salvadora), «Nuevas aportaciones a la epigrafía romana de Extremadura. 2. Inscripciones inéditas de la *colonia Mettelinensis* (actual Medellín, Badajoz)», *Veleia* 4 1987 137.

<sup>8</sup> CORELL I VICENT (Josep), «Inscripción referente a un primipilo muerto *in bello Maurico*. Un nuevo testimonio de las invasiones moras en la Bética en el siglo II?», *Archivo Español de Arqueología* 61 1988 298-304. Na recolha de Abascal, estão inventariados 14 testemunhos: ABASCAL PALÁZON (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Mércia, 1994, p. 464.

<sup>9</sup> A termos em conta as duas versões apresentadas sob o n.º 49 (p. 64-65) de HURTADO DE SAN ANTONIO (Ricardo), *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)*, Cáceres, 1977.

<sup>10</sup> Ver <http://eda-bea.es/>, N.º de registo 24 482, que transcreve *Potitus Vegeti filius*.

<sup>11</sup> RUBIO ALIJA (José), «Españoles por los caminos del Imperio Romano. Estudios epigráfico-onomásticos en torno a *Reburus* y *Reburinus*», *Cuadernos de Historia de España* 2-30 1959 5-124.

<sup>12</sup> VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, *passim*.

<sup>13</sup> NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMIRÉZ SÁDABA (José Luis) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 279-280. Recorde-se, a propósito, a epígrafe rupestre do lugar da Telheira, em Numão, a vinte e poucos quilómetros de Longroiva, onde se assinala a existência do horto (*ortus*) *Reburri P(ublii) F(ili)* <http://eda-bea.es/> (N.º de registo 23 175).

Se, por conseguinte, a onomástica pouco traz de original, o interesse primordial da epígrafe centra-se na identificação da divindade venerada. Se a nossa leitura está correcta, teremos o dativo plural de *lumbus*, vocábulo que identifica a região lombar do corpo humano; aliás, a palavra ‘lombar’ deriva daí e ‘lumbago’ é a designação da dor forte e repentina aí localizada. Em sentido figurado, designa, todavia, a localização da excitação sexual, tal como pode ler-se em Juvenal (6, 314): «Cum tibia umbos incitat».<sup>14</sup> Será nessa acepção que o teremos de considerar aqui.<sup>15</sup>

A pesquisa efectuada, que, naturalmente, não podemos classificar como exaustiva,<sup>16</sup> aponta no sentido de não se haverem registado, até ao momento, outros testemunhos — epigráficos, ou não, entre os Romanos — de eventual culto às divindades *Lumbos*, supostamente consideradas propiciatórias do desejo sexual. Esse, o motivo também, plenamente compreensível, porque se tentaram alternativas. Assim, Juan Manuel Abascal sugeriu-nos a leitura *Lumiis*, que poderia ter paralelo na epígrafe CIL II 3098, hoje perdida, de Segóbriga, dedicada por *Primigenius Litio*. Trata-se, também, de um caso único;<sup>17</sup> e, na epígrafe de

---

<sup>14</sup> No *Etimological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, de Michiel de Vaan (Bill, Leiden/Boston, 2008, s. v. ‘Lumbus’ (p. 352), faz-se, a dado passo, a aproximação da palavra com o termo do irlandês antigo *land*, significando ‘espaço aberto’. Do ponto de vista fonético, parece-nos a aproximação desprovida de fundamento.

<sup>15</sup> Optámos por uma tradução erudita, à letra, por, na circunstância, nos parecer a mais adequada. Também poderia considerar-se o feminino *Lumba*; contudo, o termo documentado é *lumbus*, com um significado concreto; pode, na verdade, acontecer que, para o significado simbólico, se haja preferido o feminino.

<sup>16</sup> Por isso mesmo e atendendo a que as consultas feitas a colegas (cujas contribuições e pronta disponibilidade muito agradecemos) igualmente resultaram inconclusivas, é que optámos por dar a conhecer, desde já, esta epígrafe, para que se discuta e esclareça. Encontrámos referência a *Lubia*, como deusa do prazer sexual (sem mais especificação), teónimo passível de se relacionar com *Lumbis*: vide VÁZQUEZ HOYS (Ana María), *Arcana Magica (Diccionario de símbolos y términos mágicos)*, UNED Ediciones, Madrid, 2003, p. 334.

<sup>17</sup> Juan Carlos Olivares Pedreño refere as opiniões de que se trata de uma divindade indígena ou de que deve ler-se *Lymphis* e considera que as dúvidas são «suficientes para não incluir o nome como referente a uma divindade indígena» (*Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid, 2002, p. 130). Aliás, as informações colhidas por Helena Gimeno Pascual (*Historia de la Investigación Epigráfica en España en los ss. XVI y XVII*, Saragoça, 1997, p. 150, n° 210)

Longroiva, não há lugar para dois II. Foi mais longe Blanca Prósper: respondeu-nos que lhe soava «a un dativo de plural (femenino) de una variante del nombre de las ninfas, adaptado en latín desde el griego como *Lymphis*» ou «probablemente una divinidad \*lombha».<sup>18</sup> Embora, como atrás se anotou, nos pareça que a epígrafe poderá ter sido avivada, presumimos que se trata, em ambas as hipóteses, de uma alteração substancial — passível, porém, de análise.

Por conseguinte, mantemos, ainda que condicionalmente, esta hipótese de trabalho. Caso ganhe consistência, estaremos perante o testemunho ímpar de absorção da cultura romana, por parte dos indígenas, num âmbito erudito deveras significativo.

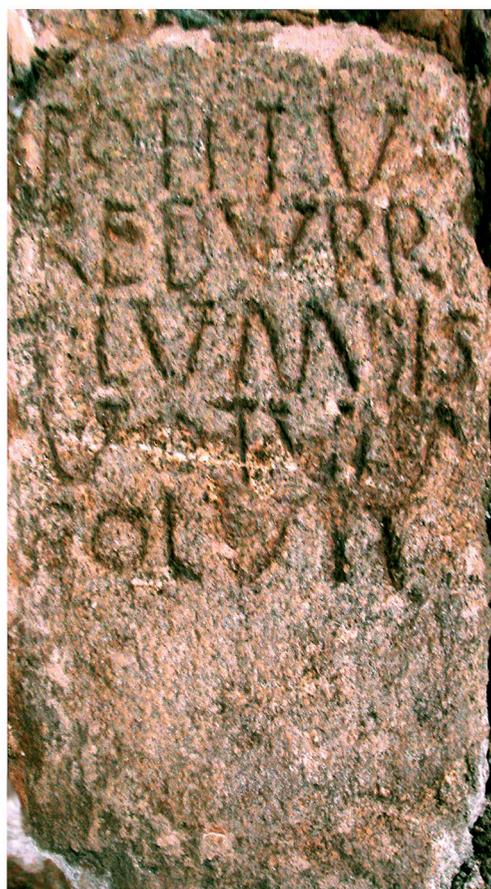
Pela forma como o dedicante se identifica e, também, pelo uso por extenso da fórmula votiva somos levados a datar a epígrafe de meados do século I da nossa era.

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

---

confirmam peremptoriamente essas dúvidas, inclusive por se tratar de uma inscrição rupestre em local cujos «letreros no se pueden leer por estar muy gastadas las letras del agua», conforme se lê no manuscrito que os assinala. Agradecemos a Helena Gimeno ter-nos facultado cópia dessa página.

<sup>18</sup> A referência bibliográfica dada como justificativo foi o texto de Adam Hyllested, «The Water Spirit: Greek *nymphē*, Sanskrit *Rāmbhā*, Lithuanian *Lāumė* and Some Other Possible Related Forms» (acessível em <http://www.academia.edu/1429587>).



0 10 cm

489